



O EVELHE(SER) NA TEORIA FREUDIANA

FELIX MEIRA TAVARES; SHAHJAHAN MOZART ALEXANDRE DA SILVA NERY;
DAVID KAWAY SANTOS SENA; LUCIANA ARAÚJO DOS REIS

RESUMO

A teoria psicanalítica de Freud oferece uma perspectiva profunda sobre o envelhecimento humano, destacando como este processo impacta a psicodinâmica do indivíduo e sua interação com o contexto social. Freud abordou o envelhecimento não apenas como uma mudança física, mas como um fenômeno que afeta a identidade e o sentido de pertencimento do sujeito. A teoria freudiana enfatiza que o envelhecimento é marcado por uma série de desafios, incluindo a adaptação às perdas físicas e simbólicas, a redefinição do corpo e a reconfiguração da identidade. Este trabalho tem como objetivo explorar a relação entre a teoria freudiana e o envelhecimento, com a intenção de identificar como essa teoria pode aprimorar a compreensão das experiências e desafios enfrentados pela população idosa. A pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, utilizando a pesquisa bibliográfica como método principal. A base teórica é fundamentada na edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, publicada pela editora Imago em 1996 e disponível no site <https://conexoesclinicas.com.br/>. Além disso, a pesquisa inclui a análise de outros autores que discutem o envelhecimento e suas implicações. As modificações associadas ao envelhecimento deixam marcas significativas no eu, no corpo e nas relações sociais estabelecidas ao longo da vida. Essas marcas revelam a necessidade de acompanhamento e intervenção para que a pessoa idosa possa lidar com seu sofrimento, superar o isolamento e criar possibilidades de novos laços sociais. Segundo a teoria freudiana, o sujeito psíquico é constituído pelo inconsciente, que permanece imutável com o tempo. Esse conceito sugere que, embora o corpo envelheça e as circunstâncias mudem, o núcleo psíquico do indivíduo mantém uma continuidade essencial. Esta perspectiva oferece uma compreensão valiosa do envelhecimento, sublinhando a importância de estratégias que considerem a dimensão psíquica para melhorar a qualidade de vida da população idosa.

Palavras-chave: Envelhecimento Humano; Sujeito; Pessoa Idosa; Psicanálise; Inconsciente.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, as pessoas idosas frequentemente enfrentam um estilo de vida marcado por apatia, insatisfação e sentimentos de solidão. O isolamento social e emocional, o pouco contato com vizinhos, as relações interpessoais limitadas ou até ausentes, e a desvalorização do cuidado e da pessoa idosa contribuem para que a experiência e inteligência dessa população sejam frequentemente desconsideradas. Freud, ao discutir a psicoterapia, mencionou que não a recomendava para pessoas com mais de cinquenta anos devido à presumida baixa elasticidade mental. (Altman, 2011)

Portanto, é essencial compreender o envelhecimento para formular estratégias eficazes na abordagem das pessoas idosas. As modificações biológicas e psicossociais associadas ao envelhecimento influenciam diretamente o bem-estar global dos pacientes geriátricos,

afetando o curso e o desfecho das doenças que acometem essa população, bem como a maneira como percebem sua condição. Esses fatores exercem uma influência significativa em diversos aspectos do tratamento e na adesão a ele. A baixa adesão aos programas de atenção às pessoas idosas constitui um dos principais desafios da saúde pública brasileira, mesmo que as pessoas idosas tenham acesso a diversos programas e projetos voltados à promoção da saúde na esfera pública. (Freitas et al., 2007)

Atualmente, a psicogerontologia se dedica a discutir os processos psicológicos que envolvem a influência dos eventos de vida e os mecanismos de enfrentamento desses eventos na adaptação e bem-estar dos indivíduos na velhice (Yassuda et al., 2006). Freud destacou que “cada um envelhece de seu próprio modo, e essa diversidade faz emergir ambivalências” (Mucida, 2014, p.13). A psicogerontologia, portanto, busca entender essas variações individuais e promover estratégias de enfrentamento que melhorem a qualidade de vida das pessoas idosas, considerando aspectos como resiliência, suporte social e intervenções terapêuticas para mitigar os efeitos negativos dos eventos de vida.

A teoria psicanalítica de Freud oferece uma compreensão psicodinâmica do envelhecimento humano, que pode ajudar a evidenciar os desafios dessa condição e a forma como o indivíduo se insere no contexto social, se apropria do seu corpo e constrói sua identidade. Neste estudo, o objetivo é descrever a relação entre a teoria freudiana e o envelhecimento, identificando como essa teoria pode contribuir para uma melhor compreensão do universo da pessoa idosa e, assim, formular estratégias para melhorar a qualidade de vida dessa população.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, que utiliza a pesquisa bibliográfica como método principal. A base teórica inclui a edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, publicada pela editora Imago em 1996 e disponível gratuitamente no site <https://conexoesclinicas.com.br/>. Além disso, foram consultados outros autores que abordam o envelhecimento, com o objetivo de relacionar o processo de envelhecimento à teoria freudiana. Segundo Gil, “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2008, p. 69). Dessa forma, este estudo busca proporcionar uma compreensão abrangente e aprofundada das intersecções entre a teoria freudiana e os aspectos psicológicos do envelhecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psicanálise oferece uma perspectiva valiosa sobre o envelhecimento, um fenômeno complexo. Enquanto a sociedade frequentemente contribui para o isolamento das pessoas idosas, o indivíduo, com sua complexidade psíquica e experiência de vida, adapta sua personalidade ao longo do tempo. No entanto, ele pode se deparar com a identificação com estereótipos e representações envelhecidas (Altman, 2011). A psicanálise ajuda a compreender essas dinâmicas internas e sociais, fornecendo insights para enfrentar os desafios psicológicos e sociais do envelhecimento.

A velhice é um fenômeno incontestável e complexo, cuja compreensão não pode ser desvinculada do sujeito que a experiencia. A teoria psicanalítica sugere que há aspectos da psique que permanecem inalterados com o tempo, apesar do processo de envelhecimento (Mucida, 2014). Esse processo é multifacetado e não pode ser definido de forma uniforme, uma vez que não existe uma “velhice em si” ou “a velhice” de maneira geral, mas sim múltiplas experiências de envelhecimento (Altman, 2011; Mucida, 2014). Portanto, a definição do que constitui a velhice deve considerar as particularidades individuais e a diversidade de experiências associadas ao envelhecimento.

Nos seus primeiros estudos sobre as neuroses, publicados em 1886 nas suas Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos, Freud identificou três mecanismos fundamentais: transformações do afeto (relacionadas à histeria de conversão), deslocamento do afeto (associadas à neurose obsessiva) e troca de afeto (ligadas à neurose de angústia e melancolia). Freud observou que, em todos esses casos, a excitação sexual era a principal área afetada por essas alterações. Com base nessas observações, ele classificou as neuroses em quatro categorias gerais: Degeneração, Senilidade, Conflito e Conflagração. Ele definiu a senilidade como uma degeneração que ocorre geralmente na velhice, sugerindo que essa condição é uma forma de degeneração adquirida ao longo do tempo. (Freud, 1996)

No contexto biológico, a sexualidade da pessoa idosa é frequentemente considerada um tabu na sociedade. No entanto, Freud, em sua introdução ao conceito de pulsão nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade de 1905, argumenta que não existem regras sexuais universais, apenas regras sociais. Ele afirma que o desejo e a libido não têm idade, sendo a sexualidade uma constante ao longo da vida, tanto na infância quanto na idade adulta. Assim, a ausência de desejo não é determinada pela idade ou pela frequência das relações sexuais. Para as pessoas idosas, a sexualidade pode encontrar novas formas de expressão, com o desejo não desaparecendo, mas adaptando-se a diferentes manifestações. (Freud, 1996)

Mucida (2007) argumenta que, na velhice, o conceito de castração se torna especialmente relevante para o sujeito, pois as perdas, não apenas corporais, evocam a fase do espelho de forma simbólica, mas com um "espelho quebrado." Enquanto a fase do espelho na infância é caracterizada pela imagem de um corpo completo, ainda que ilusória, na velhice o indivíduo confronta um corpo deteriorado e a proximidade da morte. Beauvoir reforça essa perspectiva ao afirmar que "é uma surpresa, um assombro, perceber-se velho. O espelho mostra o que os outros percebem, mas a pessoa reluta em aceitar a mudança em si própria. Dessa forma, velho é sempre o outro" (Beauvoir, 1990, p. 35).

Messy (1999) reforça a ideia de que a velhice é frequentemente percebida como algo externo, uma imagem que não necessariamente ressoamos com nossa própria identidade. Segundo ele, a figura da pessoa idosa é muitas vezes moldada pela perspectiva social, e essa imagem externa pode causar estranheza, semelhante a um reflexo no espelho que não corresponde exatamente à nossa autoimagem subjetiva. Messy (1999) argumenta que a verdadeira tragédia da velhice não é simplesmente o ato de envelhecer, mas o esforço contínuo de permanecer jovem, o que pode levar a uma desconexão entre a percepção social da velhice e a experiência subjetiva do envelhecimento. Essa tensão entre a imagem social e a identidade pessoal contribui para o desconforto e a alienação frequentemente associados à velhice.

O envelhecimento é frequentemente visto como um inimigo a ser combatido, uma vez que personifica a inevitabilidade da morte e o esgotamento das possibilidades de reconhecimento e realização pessoal. Esta percepção faz com que a estética da velhice seja evitada e combatida, refletindo o horror que muitos sentem pelos sinais visíveis da idade mais do que pela velhice em si. Freud, em suas obras A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Partes I e II) publicadas em 1916, argumenta que esse horror resulta da antecipação do esgotamento das possibilidades de realizar o próprio ideal de vida. Essa antecipação leva à sensação de uma proximidade iminente da morte, acentuando a desconexão e a dificuldade de identificação com o grupo social. Assim, o envelhecimento é percebido com um medo exacerbado, não apenas pela sua condição em si, mas pelo impacto psicológico da percepção de uma vida ideal não alcançada e da aproximação da morte. (Freud, 1996)

Em todos os contextos, observa-se uma questão subjacente relacionada à formação, manutenção e dissolução dos laços sociais, que na contemporaneidade é amplamente influenciada pelo ideal de permanecer ativo e engajado no consumo. Sob a ótica da psicanálise, o laço social pode ser visto como uma estratégia defensiva contra o desamparo, que é entendido

como uma experiência de desagregação psíquica, falta de autonomia, sentido da vida e, em última instância, a iminência da morte. Viver implica lidar continuamente com o desamparo, encontrando formas de atribuir sentido às experiências vitais e buscar satisfação conforme o próprio ideal, moldado pela trajetória histórica individual. (Mucida, 2007)

Em sua obra *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia* de 1916, Freud define o conceito ao qual nos referimos ao longo da vida como o “ideal do eu”. Esse ideal é formado a partir de traços mnêmicos e identificações transmitidas de geração em geração, moldadas pelo investimento amoroso das figuras parentais e seus representantes sociais, como professores e personalidades públicas valorizadas. O ideal do eu representa a internalização dos códigos, valores sociais e normas, servindo como referência essencial para nossa existência no mundo e para a formação de laços sociais, o que, por sua vez, ajuda a evitar o desamparo. Ele é fundamental para a valorização da experiência de vida e para a busca de realização dentro do grupo social (Freud, 1996).

Um aspecto fundamental na teoria freudiana sobre o envelhecimento é o funcionamento dos processos psíquicos, que são predominantemente inconscientes. O inconsciente não está sujeito à passagem cronológica do tempo, o que implica que o psiquismo não envelhece da mesma forma que o corpo físico. O envelhecimento psíquico ocorre quando não há mais possibilidade de atualizar o ideal do eu ou de manter laços sociais significativos. Isso sugere que a pessoa idosa não deve ser vista meramente como um indivíduo isolado; essa designação se refere mais a uma categoria ou representação social (Messy, 1999). Em outras palavras, segundo Mucida (2007), o sujeito psíquico não envelhece da mesma maneira que o corpo.

4 CONCLUSÃO

Envelhecer é um processo profundamente subjetivo e singular, caracterizado pela interação entre a realidade externa e a realidade psíquica de cada indivíduo. À medida que a pessoa idosa enfrenta as marcas físicas e simbólicas do tempo, ela se depara com uma nova realidade, que, embora seja renovada, continua intrinsecamente ligada aos conflitos psíquicos que moldaram sua vida até aquele ponto. A teoria freudiana aborda essas questões ao explorar como as perdas, especialmente no âmbito da sexualidade e do prazer, bem como a iminência da morte, podem impactar a realização do ideal de vida do indivíduo. Essas mudanças durante o envelhecimento deixam marcas significativas sobre o eu, o corpo e os laços sociais.

Para garantir que as pessoas idosas recebam o suporte necessário para enfrentar essas transformações, é essencial proporcionar acompanhamento adequado, facilitando a superação do isolamento e a abertura para novas conexões sociais. Segundo Freud, o inconsciente, que é o verdadeiro sujeito, não envelhece, o que sugere que, apesar das mudanças físicas e das dificuldades emocionais, o núcleo psíquico do indivíduo permanece constante. Essa perspectiva teórica oferece uma compreensão valiosa do envelhecimento, destacando a importância de estratégias que considerem a dimensão psíquica para melhorar a qualidade de vida da população idosa.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, M. **O envelhecimento à luz da psicanálise**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 44(80),193–206. 2011.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

FREITAS, C.M.S.M.; SANTIAGO, M.S.; VIANA, A.; LEÃO, A.C.; FREYRE, C. **Aspectos motivacionais que influenciam a adesão e manutenção de idosos a programas de exercícios físicos**. Rev. bras. cineantropom. desempenho hum, 9(1), 92–100. 2007.

FREUD, S. (1886). **Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. I ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. VIIed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1916a). **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XIV ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1916b). **Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II)**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol. XVed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. Uma abordagem psicanalítica da velhice. São Paulo: Aleph, 1999

MUCIDA, Â. **Atendimento psicanalítico do Idoso**. 1ª Ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece - Psicanálise e velhice**. Belo horizonte:Autêntica, 1ª ed. 2007.

YASSUDA MS, BATISTONI SST, FORTES AG, NERI AL. **Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, n. 3, p. 470-481, 2006.